

As mãos que não se vêem

Joaquim Benite dizia que uma organização eficaz é aquela que não se vê. É verdade. Nas primeiras edições o Festival enfrentava copiosos imprevistos. Mas a resposta rápida de quem organizava e o amor pelo teatro de quem assistia foram contribuindo para que as memórias de quem assistiu a essas primeiras Festas sejam de noites inesquecíveis. Se o órgão de luzes não funciona, faça-se a peça com a luz de trabalho.

Como seria organizar um Festival, já com uma programação internacional de relevo, sem recurso a computadores, internet, telemóveis? Consolamo-nos com perguntas destas quando avaliamos as dificuldades que enfrentamos nesta edição. Se não são as condicionantes da pandemia, lá vem uma greve nos aeroportos. Nós na garganta, semblantes carregados. Têm sido muitos dias a planear, para que tudo corra bem — e agora a correr, para que o que corra mal afecte o menos possível o público.

Não costumamos falar de nós próprios. Organizamos este Festival pelo gosto do serviço público que prestamos. Mas já levamos mais de duas semanas com a Espada de Dâmocles sobre as cabeças. Não é muito tempo, mas já foi tempo suficiente para que sucedessem vários sobressaltos, que implicaram sacrifícios àqueles que não são vistos pelos espectadores. Sacrifícios que tenho muito orgulho em não contar aqui. “Está resolvido”, disseram-me ontem quando cheguei à Academia, alarmado, com o Quixote num saco, meia hora antes de as portas abrirem. Não se notou, mas eles estiveram lá. Raramente recebem palmas. Este texto é para eles. | **Rodrigo Francisco**

Empatia em corpo que o não quer ser



© Luana Santos

Para que serve a dança? Para nada, dirá quem se sente ausente de um corpo!

Mais do que como uma mulher da dança, ou mesmo do teatro, no pressuposto mais conservador do termo, Madalena Victorino pisa e pensa o palco como outra face da vida: um palco que vive dos nossos quotidianos, dos nossos modos de ser.

Isso mesmo é exposto em *A dança como arma*, que constitui o frutífero resultado das cinco lições do seminário *O Sentido dos Mestres*, realizado durante a 37.ª edição do Festival.

Nessas cinco sessões, como neste volume, Madalena Victorino explica que há na sua vida, na sua experiência criadora, um constante ziguezaguear; ou, se se quiser, uma metamorfose permanente que recusa a cristalização das ideias, entenda-se do corpo.

Foram várias as referências convocadas durante o seminário, agora plasmado em livro. Diversas são, assim, as contaminações que cruzam o texto e se tornam tão necessárias ao seu pensamento,

à sua criação, à forma, no fundo, como vê o outro. Podemos sentir que Madalena Victorino promove uma democratização do corpo, bem na esteira de Rudolf Laban, considerado o pai da «dança-teatro», e que partia dos gestos envolvidos, nas mais variadas acções do quotidiano, para os retirar do contexto, transpondo-os para o seu processo criativo, num gesto que “sai dos teatros e vai ao encontro das populações”.

“Na vida, não nos podemos perder”, afirma Madalena Victorino: temos de saber voltar para casa. O mundo da dança, afinal, relaciona-se com o das pessoas comuns: a comunidade junta-se para dançar, em contraponto à dança clássica. O corpo de baile surge-nos, então, como elemento secundário que faz destacar o solo ou o dueto dos bailarinos principais.

Em Madalena Victorino, tal como em Laban, desaparece a ideia de protagonista, focada numa só pessoa, e surge, essencialmente, a primazia das massas, numa clara metaforização da sociedade actual, demasiadamente fragmentada. Por

isso, este livro de Madalena Victorino não é só sobre a dança ou o teatro: é também, sobretudo, uma reflexão política, em que corpo, espectáculo, vida cultural e social fazem parte de um pensamento contínuo, num movimento permanente, mas de onde se retira sempre a necessária pausa para reflexão. |

Pedro Barros



O 7.º volume da colecção *O Sentido dos Mestres* está à venda a partir de hoje com o preço especial de lançamento, de 2,50€

Veni, vidi, vici

A rapidez com que *Pastéis de nata para Bach* teve de substituir a produção da CNB para os mais pequenos que não pôde estrear no Festival quase nem deu tempo de aquecer o forno para cozinhar a célebre iguaria lusitana. Mas o afincado com que todos se deitaram à tarefa trouxe proventos. Ontem o crítico italiano Daniele Rizzo publicava as seguintes palavras no seu *the-blackcoffee*: "Imaginada a partir

do encontro fantástico entre o génio de Bach e o célebre pastel português — uma espécie de *dulce de leite*, que dá o título à peça —, Pedro Proença e Teresa Gafeira escrevem uma história bem equilibrada, com tons brilhantes e conteúdos hilariantes. A encenação de Duarte Guimarães não se limita a contar a história, confiando aos esplêndidos Anabela Ribeiro, Ivo Marçal, João Farraia, Pedro Walter e Carolina Dominguez a tarefa

de realizar momentos coreográficos em vórtice, que tiram partido da bela cenografia e instrumentos de época, de Pedro Proença. A utilização de várias obras-primas de Bach no acompanhamento musical é inteiramente justa, e o resultado é uma proposta simples mas absolutamente eficaz, que veicula e desperta nos mais pequenos a curiosidade acerca de um dos maiores vultos da música e da cultura ocidentais".



As crianças também foram ao Festival

Quixote entregue a *Rebota rebota*



Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada, assistiu ontem na Academia Almadense ao Espectáculo de Honra 2021. No final da peça, subiu ao palco para entregar à dupla de criadores catalães Agnès Mateus e Quim Tarrida o troféu desta distinção: um Dom Quixote, da autoria do artista plástico Jorge dos Reis.

Teatro da Rainha amanhã, às 18h, na Esplanada

O discurso sobre o *filho-da-puta*, de Alberto Pimenta, com encenação de Fernando Mora Ramos, vai ser o mote para o Colóquio na Esplanada de amanhã. Os convidados para esta conversa são Henrique Manuel Bento Fialho e os actores do espectáculo. A moderar vai estar a jornalista Catarina Neves. O espectáculo está em cena no Teatro-Estúdio António Assunção e pode ser visto até sexta-feira, dia 23. Na última semana de Colóquios na Esplanada do Festival, ainda vamos poder conversar com Rodrigo Francisco, Ángel Ruiz e Joana Craveiro. Os colóquios são sempre às 18h, na Escola D. António da Costa.

Quem nunca pecou...

No que toca à vista sobre Lisboa, está à vista que o Seminário de São Paulo não pede meças à Casa da Cerca. Para os mais cépticos, publicamos uma foto da dita (vista), com um detalhe que muito nos tem intrigado. Não nos referimos apenas ao *design* originalíssimo do aviso para não andar à pedrada, mas sim ao seu antepassado, em azulejo, com que em boa hora alguém providente se lembrou de colocar no murete do miradoiro. O "não" apagado, o olhar (de um anjo?), o mosaico de imagens — todo um programa semiótico. E se o aviso hodierno especifica bem que não se deve atirar pedras pela arriba abaixo, a que se referiria o "nada" de antanho?



50 ANOS DE PLATEIA

Estar juntos



© Luana Santos

Maria Isabel Soares, 40 anos de plateia

O Teatro é vida, leva-nos por aí- além, por debates, caminhos diversos, amizades, discussões...

É uma descoberta, uma busca para além das salas, dos palcos ou outros cenários igualmente fantásticos. Que alegria estar junto e participar, e já há tantos anos neste magnífico Festival. Obrigada!

Viva o Teatro!

AGENDA DE AMANHÃ

18:00

Conversa com Manuel Bento Fialho
Esplanada do Festival

20:30

Discurso sobre o filho-da-puta
Teatro-Estúdio António Assunção

20:30

Molly Bloom
Incrível Almadense

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE

Esparguete à bolonhesa
Lulas recheadas

AMANHÃ

Rolo de carne com tâmaras
Pescada com ameijoas

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada

